Prezado editores,

Conforme conversa prévia, copiada abaixo, dos autores com o editor chefe Dr. Diogo Loretto, estamos submentendo o manuscrito entitulado “**Impact factor is not the evil for ecology and conservation in South America”** para avaliação e possível publicação no periódico Oecologia Australis em sua seção de opiniões.

Acreditamos que o manuscrito está dentro do escopo da revista uma vez que trata de uma opinião sobre um controverso assunto dentro da ecologia, o uso do fator de impacto. Apresentamos nossa opinião principalmente em resposta a uma publicação no periódico *Nature* onde os autores afirmam que seria vantajoso para cientistas da América Latina abandonar o uso do fator de impacto. Em nosso manuscrito apresentamos alternativas para um melhor uso do fator de impacto assim como contrapontos para as desvantagens apresentadas pelos autores em Monjeau *et al.* (2013). Além disso, o manuscrito apresenta o nosso ponto de vista como autores Latino-americanos.

Com relação aos pontos colocados em conversas prévias, a intenção dos autores não é apontar e discutir vantagens e desvantagens do fator de impacto, apenas apontar que há sim uma maneira de usar adequadamente essa métrica, além do que hoje ainda está dentro das melhores ferramentas que possuímos. Concordamos com o fato que há sérios problemas como a detenção de informação, facilidade de fraudes, mas é sim necessária uma avaliação da ciência e isso, como apontado por outros autores (devidamente mencionados e citados em nosso manuscrito), é imprescindível para o avanço científico dos países Latino-americanos. Pelos motivos apresentados, acreditamos que não cabe nesse manuscrito uma resposta ao artigo de Mello *et al.* (2013) publicado no periódico Oecologia Australis.

O presente trabalho não foi publicado ou submetido para outro periódico. Todos os autores leram e estão de acordo com as informações contidas no texto.

Nós sugerimos que este manuscrito seja avaliado por:

* Rafael Loyola, Universidade Federal de Goiás, rdiasloyola@gmail.com
* Sidinei Magela Thomaz, Universidade Estadual de Maringá, smthomaz@gmail.com
* André Andrian Padial, Universidade Federal do Paraná, aapadial@gmail.com
* Roger Mormul, Universidade Estadual de Maringá, roger.mormul@gmail.com
* Rafael Dudeque Zenni, University of Tennessee, rzenni@utk.edu

Agradeçemos desde já,



Jean Ricardo Simões Vitule Raul Rennó Braga

*Meus caros, achei bem interessante o ponto de vista de vocês, embora eu não concorde com o cerne da questão. Tudo bem, é questão de ponto de vista. Isto não impede nem um pouco que desenvolvamos o artigo e ele seja submetido de fato à revista.*

*Eu concordo com vocês quando dizem e argumentam em todo o texto que o IF não é o vilão propriamente dito. Ele é um índice e deve ser tratado como tal, dentro das suas limitações e imperfeições. Acho que o que faltou ao texto, nesta primeira lida que fiz, foi indicar qual o real vilão, que na minha opinião é o sistema de avaliação, que ainda é pautado em uma certa numerologia, que pouco ajuda, pois não mede qualidade e sim quantidade.*

*O problema do IF é bem amplo, pois envolve detenção de informação, e nesse ponto eu sou radicalmente contra o uso de um IF que provenha de uma editora que cobra altíssimas taxas para publicação nas revistas e para que as revistas estejam lá indexadas. Acredito que a ciência, ampla e irrestrita é mais benéfica que uma ciência “só impactante dentro de uma base de dados particular”. Sabemos também que o IF é facilmente burlável através dos “clubes de citação”, comum em muitas áreas, inclusive no Brasil, onde temos alguns exemplos em nossa área também.*

*Além disso, e acho que mais importante, o IF é uma métrica da revista, e na minha opinião não deve ser usada para ranquear os pesquisadores, pois um artigo potencialmente bom em uma revista de alto impacto não será necessariamente lido e citado igualmente ou mais que a mediana da revista. Ou seja, publicar em uma revista de alto impacto não quer dizer que um estudo terá seu conhecimento lido, digerido, incorporado e lapidado pelo restante da sociedade científica. Isto é, no final das contas, nada garante que o conhecimento lá presente terá retorno para a sociedade (de forma ampla) na velocidade que o IF quer demonstrar que é.*

*Acho que uma alternativa que vocês não citaram é o índice H, com suas adaptações para tirar os efeitos de trapaceiros, dos clubes de citação, etc... Acredito que isto seja importante de ser falado, pois é uma das melhores alternativas à pura numerologia do IF até praticada pelas agências de fomento, mas mais vigorosa e inocentemente replicada nas universidades, programas de pós-graduação e concursos públicos para professores universitários.*

*Também acho que a numerologia e o IF foram importantes para fazer o “gigante acordar” e dar o pontapé inicial para o desenvolvimento e crescimento da ciência nacional. No entanto, acho que já passamos por essa fase e temos que pensar em qualidade, em amplo e irrestrito acesso à informação e ao conhecimento científico. Acredito que parte dessas questões que mencionei podem ajudar no desenvolvimento do artigo, que por sua configuração estaria mais adequado à seção de Opinião.*

*Por coincidência, no último número da OA, publicamos um artigo de opinião sobre esta temática geral também, e acredito que possa ajudar vocês (http://www.oecologiaaustralis.org/ojs/index.php/oa/article/view/825/960). Inclusive, se discordarem de grande parte dos nossos argumentos neste artigo, acho saudável que submetam como uma resposta à nossa provocação.*

*Tenho indicativos de outros colegas e pretendo agir em prol da discussão sobre a detenção de informação, que acredito ser o tema relacionado ao IF e cia de maior relevância atual e em futuro próximo. Portanto, acredito que este possa ser um dos fortes pilares de uma argumentação ligada ao tema.*

*Espero que meus comentários ajudem no desenvolvimento dos argumentos e, sinceramente, estou ansioso para ver o resultado como um artigo submetido à Oecologia Australis.*

*Um abraço*

*Diogo.*